

A propósito dos 70 Anos de Tintim* Miguel Coelho



© HERGÉ / MOULINSART 1999

Tudo começou em ...

... 1907, quando a 22 de Maio nasceu Georges Prosper Remi Remi (é mesmo assim que se escreve!) em Etterbeek (nos arredores de Bruxelas), no seio de uma família católica, mas não devota. Frequentou, a partir de 1920, o Colégio Saint-Boniface, onde aderiu ao grupo de escuteiros. A revista dos «escutas» do colégio (*Jamais assez*) desde logo começou a contar com as suas ilustrações e, em 1922, o mesmo sucedeu

* Texto alusivo à exposição «70 Anos de Tintim», apresentada pela Biblioteca Pública de Braga (20 Jan. / 2 Fev. 1999), com a colaboração da Juvemédia.

com a revista dos escuteiros belgas (*Le Boy Scout*), onde assinava G. Remi. Posteriormente, Georges Remi passou a assinar os desenhos com as iniciais trocadas (R. G.), tendo finalmente passado para Hergé, em Dezembro de 1924.

Em Outubro 1925, depois de concluídos os estudos secundários (em Humanidades), em que foi um brilhante aluno, excepto em Desenho (!), foi trabalhar para o jornal Católico *Le XX^e Siècle*, na área de assinaturas. O seu director, o abade Wallez (uma activa personalidade política de direita), cedo viu nele enorme potencial e muito o apoiou. Hergé foi grato até ao final da sua vida. De resto, nunca abandonou um amigo nos maus momentos.

Em 1926 criou *Totor*, um escuteiro com traços de *Tintim*, para a revista *Le Boy Scout*. Dois anos mais tarde passou a ser redactor chefe do *Le Petit Vingtième*, suplemento semanal de *Le Vingtième Siècle*, depois de ter estado um ano a cumprir o serviço militar (de Agosto de 1926 a Agosto de 1927, na arma de infantaria). A 10 de Janeiro de 1929 surge a primeira aventura de *Tintim* em «Tintim no País dos Sovietes», no *Le Petit Vingtième*. Há 70 anos portanto!

Dessa história resultou o seu primeiro álbum, com o mesmo nome, que foi publicado em 1930 pelo próprio jornal. É o único que não foi redesenhado nem colorido, pelo que a história se encontra apenas na sua versão original a preto e branco. Nesse mesmo ano Hergé criou os endiabrados *Quim e Filipe* no *Le Petit Vingtième*, da qual existem 12 álbuns. São histórias curtas (geralmente de duas pranchas), protagonizadas por dois rapazinhos traquinas de Bruxelas, Quim (o mais alto, que usa boina) e Filipe (o baixinho e loiro rapaz de *cachecol*), que fazem gato sapato do agente 15 da polícia. Em Portugal apareceram em 1941 no *Diabrete*, como sendo *Trovão e Relâmpago!*

Hergé não fez só BD. Também fez muitas ilustrações para livros, sem esquecer a publicidade. De ano para ano aumentou o seu volume de trabalho, não chegando a gozar férias durante anos!

Em 1934 a Casterman passou a editar as aventuras de *Tintim*, o que de resto sucede até hoje. Ainda nesse ano, Hergé conheceu um jovem estudante chinês, Tchang Tchong-Jen, que influenciou decisivamente o seu trabalho ao nível da documentação e preparação de «O Lótus Azul», onde

Tchang surge como amigo de *Tintim*. Tchang e Al Capone serão, de resto, as únicas personagens reais em toda a série. Anos mais tarde Tchang surge também em «Tintim no Tibete». Nesse ano de 1934 surgiu *Popol et Viginie* no *Le Petit Vingtième*, uma pequena incursão pelo oeste americano, com animais «humanizados», que não teve continuação.

1936 marca o surgimento (na *Cœurs Vaillants*) de uma nova série: *Aventuras de Joana, João e o Macaco Simão*, de que foram publicados cinco álbuns. Dois irmãos e o seu simpático macaco vivem divertidas aventuras, num ambiente familiar, especialmente orientadas para os mais novos, a pedido dos responsáveis daquele semanário, que também publicava *As Aventuras de Tintim* em França. É que *Tintim* não tinha pais, não tinha passado, não trabalhava, ... e os padres responsáveis por *Cœurs Vaillants*, embora não desgostassem do rapaz da madeixa levantada, queriam algo que envolvesse uma família!

A 10 de Maio de 1940 a ocupação da Bélgica pelos nazis levou ao encerramento de, entre outros jornais, *Le XX^e Siècle* e *Le Petit Vingtième*, pelo que a publicação de «No País do Ouro Negro» foi interrompida por oito anos. Ainda no ano da ocupação Hergé iniciou uma outra aventura, «O Caranguejo das Tenazes de Ouro», no jornal *Le Soir*, que marca a estreia do Capitão Haddock, personagem única pelo seu original feitio, rico vocabulário (!) e extraordinária bondade, sendo também o activo Presidente da Liga dos Marinheiros Anti-alcoólicos!!!

Em 1942 a Casterman conseguiu que Hergé passasse a publicar as suas histórias em 62 pranchas. As anteriores chegaram a ter 140 páginas, pelo que esses álbuns foram, progressivamente, remodelados e coloridos.

A 3 de Setembro de 1944 chega a libertação da Bélgica, o que depois valeu a Hergé a acusação de colaboracionista por ter trabalhado no *Le Soir*, que foi um dos poucos jornais tolerados pelos nazis. Sucede que a Banda Desenhada era o seu ganha pão e que, mesmo com a Bélgica ocupada, a vida não podia parar ...

26 de Setembro de 1946 é certamente uma data mítica para a BD mundial: surgiu a revista *Tintin*. Inicialmente em edição belga, chegou a ter outras versões, como a francesa, a flamenga, a portuguesa, entre outras. Sendo uma iniciativa de Raymond Leblanc (das Editions du Lombard), contou desde o começo com grandes nomes da Nona Arte, como Edgar P. Jacobs

(*Blake e Mortimer*) e Paul Cuvelier (*Corentin*), para além de, naturalmente, Hergé. Estes e outros autores, que entraram na mesma revista, formaram o que mais tarde ficou conhecido como a Escola de Bruxelas.

As solicitações do autor não paravam e passou a ter um considerável volume de trabalho, pelo que fundou em 1950 os Studios Hergé, passando a contar com a colaboração de desenhadores que hoje em dia, já dispensam apresentação, pois mais tarde criaram as suas próprias séries: Jacques Martim (*Alix e Lefranc*), Roger Leloup (*Yoko Tsuno*) e o seu colaborador de sempre, Bob de Moor (*Barelli e Cori*), entre outros.

Em 30 de Março de 1950 iniciou-se na *Tintin* a publicação da dupla aventura lunar. São histórias como «Rumo à Lua» e «Explorando a Lua» que possibilitam com que sejam criadas verdadeiras paixões por temáticas como, neste caso, a Astronomia entre os mais jovens, sem esquecer ainda que Hergé «antecipou» a ida do Homem à Lua em perto de 20 anos. Os correios belgas lançaram em 1953 um selo alusivo à «chegada» de *Tintin* à Lua (a propósito do lançamento de «Explorando a Lua»).

Em 1969 «O Templo do Sol» foi adaptado em longa metragem animada, pela Belvision. No mesmo ano, a propósito da «segunda» chegada do Homem à Lua (Missão Apollo 12), Hergé publicou no *Paris-Match* quatro pranchas acerca de «La Victoire d'Apollo 12».

1973 marca a estreia da segunda longa metragem animada de *Tintin*: «O Lago dos Tubarões», que contou com argumento de Greg (*Zig e Puce*, *Achille Talon*, *Bruno Brazil*, ...).

O reencontro com Tchang Tchong-Jen, em Março de 1981, foi um grande acontecimento. Tchang é recebido na Bélgica como se se tratasse de um Chefe de Estado, gerando um acolhimento espontaneamente generoso. Tinham já passado 47 anos desde que os dois amigos se tinham visto pela última vez.

Em 1982 o asteróide 1652 foi baptizado com o nome Hergé, por ocasião do seu 75.º aniversário. No mesmo ano, um outro asteróide, o 1683, foi baptizado Castafiore!

Outro exemplo do apreço da comunidade científica pela obra de Hergé foi o facto de que ter sido dado o nome de «Síndrome Tournesol» para classificar determinados sintomas estudados por neurologistas e psiquiatras. Hergé, quando faleceu em 3 de Março de 1983 (em Bruxelas), foi notícia em todo o mundo, tendo o prestigiado jornal *Libération* feito uma edição em que as notícias não foram acompanhadas por fotografias mas sim por desenhos extraídos das aventuras de *Tintim*. Com a sua morte ficou inacabado o que seria o próximo álbum de *Tintim*: «Tintin et l'Alph-Art», cujos esboços do guião e dos desenhos se encontram reunidos na edição do mesmo título. Actualmente este álbum dá (desde 1989) o nome aos prestigiados Prémios do Festival Internacional de BD de Angoulême (anteriormente designados Alfred).

As personagens

Tintim representa o herói aventureiro, destemido e corajoso, que percorre o mundo, ajudando os indefesos e combatendo o crime e o totalitarismo, pautando a sua conduta pelas boas acções. Nele todos os leitores se podem (ou desejariam) reconhecer, quer pela sua personalidade quer pela fisionomia. Embora seja jornalista, só em «Tintin au pays des Soviets» é que foi visto a escrever um artigo, de resto bastante longo! Já o seu inseparável cão, Milu (um *fox-terrier* de pêlo branco) é mais dado à brincadeira e é, por vezes, um pouco fanfarrão. O Capitão Haddock, com o seu feito invulgar e proverbial linguagem chega a rivalizar em popularidade com *Tintim*. Humanamente tem tanto de impulsivo como de generoso. No Castelo de Moulinsart (inspirado no de Cheverny, França), que já tinha sido dos seus antepassados, este velho Capitão da Marinha Mercante dá guarida aos seus amigos, que de resto, o ajudaram a comprá-lo. Trifólio Girassol corresponde ao típico cientista distraído, cuja surdês provoca os maiores mal entendidos. A construção de um submarino e de um foguetão constituíram alguns dos mais apreciáveis legados do Professor. Nestor é o fleumático, eficiente e leal mordomo do Castelo de Moulinsart (de resto o único que se conhece), pelo que é o verdadeiro homem dos sete ofícios. Os Dupond, espécie de desastrados detectives em vias de extinção, grandes especialistas na arte do disfarce, naturalmente que não poderiam deixar de ser mencionados. Há quem não os consiga distinguir,

mas aqui fica a indicação do próprio Hergé: Dupond tem o bigode direito (em D deitado) e Dupont tem o bigode recurvado para fora (tipo T invertido). Bianca Castafiore, o «célebre» rouxinol milanês constitui a única personagem feminina de relevo em toda a série. Famosa pela sua «sublime» (!) interpretação da Ária das Jóias, do «Fausto» de Gounod, tem nos diálogos com o Capitão Koddack, perdão Bartock, eehh Kappock, bem Mastock (pedimos desculpa por esta interrupção, o texto segue dentro de momentos) e no seu hipotético casamento algumas das mais hilariantes vinhetas da série.

O Sr. Oliveira da Figueira

Falar de *Tintim* e não falar no Sr. Oliveira da Figueira seria como ir a Roma e não ver o Papa! Hergé tem aqui uma das suas mais curiosas criações secundárias, que sendo originário de Lisboa, se dedica ao comércio no Médio Oriente, vendendo de tudo um pouco. Os seus dotes de «oratória» e a simpatia seriam capazes de vender um frigorífico a um esquimó! Neste português *Tintim* sempre encontrou um amigo disposto a ajudar. Surgiu em «Os Charutos do Faraó», em que consegue vender todo o tipo de bugigangas, sendo por isso chamado pelos árabes de «O branco-que-vende tudo!». Depois, em «No País do Ouro Negro», em que *Tintim* passa por seu sobrinho «órfão», o pobre «Álvaro», de modo a entrar em casa do cruel professor Smith e mais tarde em «Carvão no Porão», em que acolhe *Tintim* e o Capitão quando estes eram procurados pela polícia. Em «As Jóias de Castafiore», embora não apareça, foi dos primeiros amigos a felicitar o Capitão Haddock pelo anúncio do seu «casamento» com Bianca Castafiore. Em suma, um excelente amigo, este Oliveira da Figueira!

Outras referências portuguesas podemos encontrar em «A Estrela Misteriosa», com o Professor Pedro João dos Santos, célebre Físico da Universidade de Coimbra, que também participou na Expedição Científica ao Ártico ou ainda o agente do *Diário de Lisboa* que queria garantir o exclusivo da reportagem em «Tintim no Congo».

Em Portugal a revista *O Papagaio* (publicada a partir de 1935), permitiu que o público nacional tomasse o primeiro contacto com Tim-Tim (como se escrevia na altura) em 16 de Abril de 1936, tendo sido a primeira publicação não francófona a incluir as suas histórias e a primeira a nível mundial a usar

a cor. Curiosidade das curiosidades, nesse tempo o truculento amigo de *Tintim* chamava-se, entre nós, Capitão Rosa e o seu cão era o Rom-Rom! *Tintim* passou ainda pelo *Diabrete*, *Cavaleiro Andante*, *Foguetão* e *Zorro*, todas publicações dirigidas por Adolfo Simões Müller, para além do *Diário de Notícias* e, claro, da revista *Tintin*.

A revista *Tintin* também teve uma edição nacional, que se publicou entre 1 de Junho de 1968 e 20 de Outubro de 1982, num total de 749 números, onde todas as suas aventuras foram apresentadas, na que foi uma das melhores e mais duradouras/revistas de BD publicadas em Portugal.

Curiosidades das aventuras de Tintim

«Tintim no País dos Sovietes»: Foi inspirado na leitura de um livro de Joseph Douillet, «Moscou sans voiles», que esteve na base de algumas das peripécias vividas por *Tintim*. Durante a sua publicação, a redacção do *Le Petit Vingtième*, «recebeu» uma ameaçadora carta vinda de Moscovo, dando conta da insatisfação do proletariado soviético (!) em relação às críticas reportagens de *Tintim!*

A chegada do jovem repórter a Bruxelas, vindo do país dos soviets, foi alvo de uma representação. Inicialmente Hergé esperaria que pouca gente respondesse ao apelo, mas quando chegou à Gare do Norte, juntamente com um miúdo maquilhado de *Tintim*, tinha a aguardá-los uma multidão de entusiasmadas crianças.

Sobre o herói, algumas considerações: as calças de golfe surgiram naturalmente, pois à época, Hergé também as usava; a madeixa levantada foi para o herói ser mais facilmente identificável, sendo repórter pelo espírito aventureiro típico dos profissionais da época; o nome *Tintim* foi dado porque soava claro, era alegre e fácil de fixar; finalmente um cão *fox terrier* porque estava na moda.

Hergé nunca quis refazer este álbum, que considerava com um argumento pobre e desenho tosco. Durante anos e anos as solicitações para o reeditar foram aumentando, sendo muito frequentes as edições piratas. A Casterman foi protelando a sua publicação após o Maio de 68, com medo de poder provocar os influentes círculos intelectuais de esquerda. A sua reedi-

ção acabou por acontecer mas de um modo muito subtil: a publicação dos Arquivos Hergé, reunindo as três primeiras histórias de *Tintim* a preto e branco, mais uma do seu antepassado, *Totor*, tudo num único volume.

«Tintim no Congo»: A versão colorida de 1946 apresenta, logo na primeira vinheta, o próprio Hergé, Jacobs, *Quim e Filipe* e os Dupond na plataforma da estação, quando *Tintim* está para embarcar no comboio. Na realidade os detectives surgiram mais tarde do que a versão a preto e branco de «Tintim no Congo», pelo que são meros figurantes, sem qualquer participação digna desse nome nesta história. Nos países escandinavos, a cena da página 52 foi considerada como muito ingénua. *Tintim*, não conseguindo alvejar um rinoceronte, pois as balas faziam ricochete, colocou uma carga de dinamite na sua «carapaça», pelo que acabou por explodir, foi substituída por uma mais suave, em que depois de algumas peripécias com a espingarda, o pesado animal foge. Esta segunda versão alivia também o tom paternalista e estereotipado de como os europeus viam a África dos anos 30, que surge com exemplos bem caricatos na primeira versão, como é o caso da aula de Geografia (página 36): «Meus queridos amigos, hoje vou falar da vossa pátria: a Bélgica!», que é depois trocada por uma neutral lição de Aritmética. Mas acerca deste álbum e da sua primeira aparição entre nós, vale bem a pena ler o artigo de Rita Ramos na revista *Ópio* n.º 2 (AEFLUL, Janeiro de 1995).

A «chegada» do Congo foi também encenada em Bruxelas, mas foi ainda mais espectacular do que tinha acontecido antes: *Tintim*, Milou e Hergé saíram da Gare do Norte em cortejo, num carro descapotável, até à sede do jornal, onde uma entusiástica multidão de jovens continuou a saudá-los ruidosamente.

O álbum não foi durante muitos anos, propositadamente reeditado pela Casterman, após a independência do Congo, mas nem por isso *Tintim* deixou de ser muito popular naquele país, nem mesmo a leitura deste álbum provocou problemas. Para os congoleses é uma honra *Tintim* ter estado lá (o que não aconteceu com muitos países importantes) e divertem-se particularmente com esse álbum, pois dizem comentários do tipo «Olhem como os europeus viam a África!» Às vezes tanta prudência, vá-se lá saber para quê ...

«Tintim na América»: Surge pela primeira vez uma personagem real, o próprio Al Capone (!), um dos mitos da América (página 1).

«Os Charutos do Faraó»: Na capa e na página 8 da versão colorida surge a múmia de E. P. Jacobini, parodiando o seu amigo e colega Edgar P. Jacobs. Este álbum marca as estreias do terrível Rastapopoulos (página 3), dos desastrados Dupond (página 4, baptizados inicialmente X 33 e X 33 bis) e do inimitável Senhor Oliveira da Figueira (página 13). O encontro com o xeque Patrash Pasha (página 15) é marcado pela alegria de este ser um «fiel» leitor das aventuras de *Tintim*. Só que é apresentado um álbum, «Rumo à Lua», que só aparecerá mais tarde ... respeitando a ordem de publicação, isto só é possível por causa das sucessivas adaptações e colorações que os primeiros álbuns de *Tintim* sofreram.

«O Lótus Azul»: Ao contrário dos anteriores títulos, este teve uma preparação mais cuidada, o que só foi possível graças a um jovem chinês estudante de Belas Artes, Tchang Tchong-Jen, que ajudou Hergé na sua elaboração, e que chegou a ser transformado em amigo de *Tintim*, nesta mesma aventura por terras do Oriente (página 43). A partir daqui, os trabalhos seguintes serão sempre alvo de minuciosa procura de documentação, que descreva o melhor possível os países por onde *Tintim* empreenderá as suas sagas. A ida de *Tintim* à China decorreu durante a invasão japonesa, que é também retratada nos seus Quadrinhos o que, atendendo à época, foi um manifesto acto de coragem por parte de Hergé, pois «politicamente correcto» era apoiar o invasor Japão. Hergé, depois de refazer e colorir este episódio, ainda tentou aperfeiçoá-lo, como se pode ver pela comparação das quatro primeiras pranchas (que foram condensadas e redesenhadas) com o restante material publicado.

«A Orelha Quebrada»: A estatueta de madeira que constitui o tema central deste álbum existe realmente, nos Reais Museus de Arte e História de Bruxelas, mas atenção: a orelha não está quebrada!!! Nesta viagem pela América do Sul, surge o general Alcazar (página 22). Os países em conflito são retratados com nomes fictícios, San Theodoros e Nuevo Rico, de modo a denunciar os autênticos conflitos entre as «repúblicas das bananas» e as ingerências estrangeiras que por lá grassavam, sem ficar comprometido.

«A Ilha Negra»: Tem publicadas três versões diferentes. A primeira surgiu em 1937 no *Le Petit Vingtième* (editada em álbum pela Casterman em

1938), com 132 páginas a preto e branco. Seguiu-se a versão colorida de 1943, com 64 páginas). A terceira e última versão de «A Ilha Negra» (de 1965, com 64 páginas totalmente remodeladas) ficou a dever-se à insistência do seu editor britânico. Como este episódio ainda não tinha sido editado em língua inglesa, foi pedido a Hergé para o redesenhar, com o argumento de que existiam muitos erros de pormenor acerca da realidade britânica na anterior versão deste álbum e que se correria o risco de poder parecer pouco actual aos leitores das terras de Sua Majestade, depois de terem lido as aventuras lunares e «O Caso Girassol». Assim, Hergé enviou à Grã-Bretanha o seu fiel colaborador, Bob de Moor, para que este regressasse com fotografias, documentos e registos que o auxiliassem na execução desta nova versão, o que é particularmente visível no vestuário das personagens, nos *décors* e nos veículos. Por exemplo a publicidade ao famoso malte Johnnie Walker é substituída pelo whisky Loch Lomond. Quanto ao argumento, não sofreu mexidas.

Supõe-se (segundo Pierre Assouline) que o nome do malvado Dr. Müller (que surge em «A Ilha Negra» na página 17 e «No País do Ouro Negro» como Professor Smith e ainda Mull Pacha em «Carvão no Porão») terá sido inspirado em Adolfo Simões Müller, que teve, como se sabe, alguns contactos com Hergé.

«O Ceptro de Ottokar»: Na sua segunda versão, o trabalho de Edgar P. Jacobs nos cenários e na coloração é particularmente evidente, havendo mesmo a oportunidade para que tanto ele como Hergé e senhora, Jacques van Melkebeke e senhora, Paul Remi (o irmão de Hergé) e o pintor Marceel Stobbaerts surjam entre os convidados nas recepções organizadas no palácio real (páginas 40 e 61). Numa digressão pela Sildávia (o reino do pelicano negro, que é aqui espantosamente criado e apresentado, não faltando sequer um folheto turístico para os leitores) deu-se a primeira aparição de Bianca Castafiore (página 30), que desde logo ajuda *Tintim*. Segundo François Rivière, a Sildávia não é mais do que uma «Bélgica disfarçada de país eslavo», o que eu corrigiria para balcânico. Por seu turno a Bordúria é uma espécie de Alemanha nazi deslocada para os Balcãs e o ditador Músstler personifica uma mistura de Mussolini e Hitler, a que se vieram juntar os famosos bigodes tipo Stalin. Melhor paródia ao totalitarismo é difícil encontrar, e logo em vésperas da Segunda Guerra mundial, quando foi originalmente desenhado!

«O Caranguejo das Tenazes de Ouro»: Foi desenhado durante a ocupação nazi e surgiu em tiras diárias no *Le Soir*, o que foi uma novidade nos métodos de trabalho de Hergé, habituado que estava à publicação semanal no entretanto extinto *Le Petit Vingtième*. Para além disso, é neste episódio que se dá o aparecimento do inimitável Capitão Haddock (página 16), que marcará de futuro, praticamente toda a série. Aqui ainda é apenas um pobre bêbado inveterado, que apenas atrapalha o nosso jovem herói. Depois de se ter feito uma segunda versão colorida de 64 páginas, ainda foram feitas «cirúrgicas» modificações: o editor americano pressionou Hergé a branquear negros e a não mostrar o Capitão a beber pela garrafa. A versão apresentada entre nós é essa «politicamente correcta».

«A Estrela Misteriosa»: Marca a presença, muito discreta por sinal, de um outro português, o «célebre» Professor de Física da Universidade de Coimbra, Pedro João dos Santos. Na sua primeira versão (que ocorre durante a ocupação da Bélgica) os maus eram os americanos, que depois são substituídos pelos magnatas de mais um país ficcionado, São Rico.

«O Segredo do Licorne»: é provavelmente o álbum mais popular da série devido ao enorme protagonismo que o Capitão Haddock goza, mais a mais quando se conhece um seu antepassado que é igualmente truculento e impulsivo. Quando Hergé desenhou o Licorne não imaginava que tinha existido um navio dinamarquês com o mesmo nome e da mesma época que é apresentada na história. De resto, embora não corresponda a nenhum navio específico é fiel aos traços de um navio francês do século XVII.

«O Tesouro de Rackham, o Terrível»: marca o aparecimento do Professor Girassol que veio enriquecer de maneira decisiva o universo de Tintim. As conversas com o Capitão passam a ser uma verdadeira delícia. Como principais curiosidades destaque para o aparecimento de Nestor e do Castelo de Moulinsart (nome que corresponde à inversão de Sarmoulin, uma pequena localidade belga), que foi inspirado no de Cheverny (no Loire), que existe em França mas que tem mais duas alas. Quanto ao resto respeita o traçado original. A «família» ganha uma casa graças à preciosa invenção do Professor (o submarino), que Hergé desenhou a partir de um modelo americano.

«As 7 Bolas de Cristal»: é um episódio marcado pela sua interrupção aquando da libertação da Bélgica, em 1944. Por isso os leitores tiveram de esperar dois anos até aparecer no número inaugural da revista *Tintin*. A casa do Professor Bergamonte existe em Bruxelas e foi descoberta por Jacobs, à época colaborador de Hergé, quando a casa estava requisitada e ocupada pelas SS.

«O Templo do Sol»: depois da Libertação Hergé teve alguns problemas porque antes trabalhou no *Le Soir*, periódico conotado com os colaboracionistas da ocupação nazi, pelo que só em 1946 pôde prosseguir esta dupla história («As 7 Bolas de Cristal» e «O Templo do Sol»). Como uma parte da história estava já publicada mas por outro lado não se começaria a publicar na nova revista a meio optou-se pela salomónica solução de apresentar um «recorte de imprensa» a resumir a história já publicada até 1944 no *Le Soir*. Por outro lado, a continuação da história surgiu num formato diferente (à italiana) e incluiu, a dada altura, uns textos didácticos sobre os Incas. Ambas as histórias surgem actualmente em formato e tamanho substancialmente diferentes das edições originais no *Le Soir* e na *Tintin*. Uma última chamada de atenção para o facto que os passageiros que acompanham Tintin no autocarro (em «O Templo do Sol») e no comboio (em «As 7 Bolas de Cristal») serem exactamente os mesmos.

«No País do Ouro Negro»: Foi desde logo vítima da invasão da Bélgica pelos nazis, pelo que a sua publicação foi interrompida. Só depois da libertação é que foi retomado, razão pela qual, no final (e de modo «inexplicável») surge o capitão a salvar *Tintin*. A causa desta incongruência é que entretanto o capitão já tinha aparecido e tinha registado grande popularidade. De resto, foi a personagem preferida do próprio autor. Também este álbum sofreu transformações, pois inicialmente mostrava os ingleses como ocupantes da Palestina (era um seu protectorado até à independência de Israel) e os seus conflitos com os judeus, o que mais tarde foi substituído pelos confrontos entre os partidários do Sheik Bab el Her e as tropas do emir Ben Kalish Ezab. O endiabradíssimo Abdallah (o capitão que o diga!) é mais um personagem inspirada na realidade, neste caso no filho de Faysal, o rei da Arábia Saudita

«Rumo à Lua» e «Explorando a Lua»: existiu um primeiro argumento feito para este duplo episódio, feito por Jacques van Melkebeke e Bernard Heuvelmans que não colheu o agrado do mestre. Daqui aproveitou-se

apenas um ou outro *gag*. Para a realização dos dois álbuns foi construída uma *maquete* de um foguetão como o que levou Tintim e seus companheiro à Lua com todos os detalhes, depois de ter sido submetido à aprovação do célebre Alexandre Ananoff.

É precisamente uma réplica, em escala natural, deste foguetão que vai ser construída em Angoulême (França).

«O Caso Girassol»: A casa do Professor Topolino (página 22) existe na realidade. É o 113 da estrada de St. Lergue. Por outro lado o nome desse professor não é mais do que o nome do *Rato Mickey* em italiano!!!

«Carvão no Porão»: Os diálogos com os muçulmanos negros foram sucessivamente corrigidos, para não voltar a dar a ideia do paternalismo patente no «Congo», mas o capitão manteve-se igual a si mesmo: esforçando-se por falar do modo o mais «básico» possível, teve com os seus interlocutores uma verdadeira troca de papéis.

«Tintim no Tibete»: É o álbum preferido de Hergé e foi executado durante uma fase delicada da sua vida, com vários problemas pessoais. Constitui o que para muitos foi o seu apogeu! Um divertido jogo de palavras está presente nos topónimos das aldeias tibetanas, inspirados em nomes de cidades belgas: Poperinghe (Pôh-Pryng), Wépion (Wei-Pyong), Corbion (Khor-Byong), ...

«As Jóias de Castafiore»: É o mais delirante álbum da série, pelos sucessivos diálogos absurdos do capitão com a diva e de Girassol com os jornalistas, conseguindo fazer, num ambiente doméstico, uma obra prima profundamente estudada pelo meio universitário! Como muito bem escreveu Pierre Assouline «Nesta história que na realidade não o é, todo o mundo se fala mas ninguém comunica». Outras curiosidades dignas de nota são os jornalistas Jean-Loup de la Batellerie e Walter Rizotto, do *Paris-Flash* fazem recordar Philippe de Baleine e Willy Rizzo, do *Paris-Match*!

Quanto a essa história de uma banda de música invadir Moulinsart, o próprio Hergé teve uma situação similar. O animado encontro foi regado com cerveja e, após o discurso da praxe, alguém brindou «Viva Spirou»!!!, sem que ninguém tivesse reagido ...

«Voo 714 para Sidney»: O original senhor Carreidas é inspirado em Marcel Dassault (famoso construtor de aviões) tanto na silhueta, chapéu, cascol, sem esquecer o seu pavor pelo fumo de tabaco ou a sua obsessão pelos micróbios, que ia ao ponto de evitar apertar a mão ... Um verdadeiro modelo em carne e osso de uma personagem aos Quadrinhos.

Por falar em apertar a mão, o jornalista que se despede do capitão na última página deste álbum é Jean Tauré de Bessat, um fiel leitor de *Tintim*, que após insistente troca de correspondência com o autor concretizou o seu sonho e foi desenhado num álbum dos seus heróis preferidos, mas isto foi uma situação excepcional, feita com a garantia de ser mantida em segredo.

«Tintim e os Pícaros»: No seu derradeiro álbum, o «escândalo» rebentou: *Tintim* mudou as suas calças, substituindo o clássico europeu (tipo *golf*) pelo standardizado (*jeans*)! O capitão revela o seu primeiro nome (Archibald), numa história que está longe do fulgor de outros tempos. Das curiosidades, registre-se a aparição de Peggy, a «paloma mia» de Alcazar, o general rebelde que conquista o poder (sem derramamento de sangue, por influência de *Tintim*), mas que se revela incapaz de solucionar o óbvio: os problemas do seu povo. É difícil encontrar uma série onde as ditaduras, sejam elas de direita ou esquerda, na Europa ou na América, tenham sido tão bem desmascaradas como em *Tintim*.

Bibliografia

É muito vasta conforme se pode ver em anexo (havendo ainda outras referências que não estão aqui incluídas). De destacar desde logo «Le Monde d'Hergé» (de Benoît Peeters), que constitui uma excelente oportunidade para conhecermos um pouco mais da vida de Hergé e percebermos o contexto em que cada álbum foi realizado. «Le Haddock illustré» (de Albert Algoud), é o dicionário dos insultos que o Capitão Haddock utiliza e que o tornaram tão famosos! Assim, *bachi-bozuk* não é mais do que um soldado mercenário do antigo exército turco e ectoplasma é a capa externa do citoplasma das células. Vasta a cultura deste velho lobo do mar! «Le musée imaginaire de Tintin» (organização de Bob de Moor e Michel Baudson) permite-nos ver os objectos, nomeadamente os mais exóticos, que serviram de inspiração aos *décors* das várias aventuras do jovem repórter,

e como se realiza uma prancha de «Tintin et les Picaros», desde o rascunho à arte final, observando todos os passos da sua execução. Neste caso, curiosamente, Hergé fez a mais esta prancha, pelo que nunca saiu publicada. No final há ainda uma breve lição de chinês (!) para os leitores de «O Lótus Azul». Em «Ils ont marché sur la Lune» (de Bob de Moor e Gérard Guegan) podemos ver a chegada do Homem à Lua, da ficção à realidade, comparando as várias missões da NASA com a da famosa Banda Desenhada. Inclui ainda quatro pranchas feitas por Hergé («La Victoire d'Apollo 12»), publicadas no *Paris-Match* em 1969 a propósito da «segunda» chegada do Homem à Lua (Missão Apollo 12).

«Hergé et les Bigotudos – le roman d'une aventure» e «Comment naît une bande dessinée» (ambos de Philippe Goddin) mostram-nos os passos da execução de duas aventuras de *Tintim*. No primeiro caso é específica e detalhadamente sobre «Tintim e os Pícaros» e no segundo caso é sobre a preparação de «Voo 714 para Sidney». Referência ainda para o inevitável «Entretiens avec Hergé» (as entrevistas de Numa Sadoul) e «Ma vie de chien – Milou et Hergé», as conversas com Milu (de Ariane Valadié).

Claro que não se podem esquecer as reedições dos álbuns das suas primeiras histórias (nas versões originais), como é o caso de «Tintin au pays des Soviets» (de 1930, em 148 páginas), «Les cigares du Pharaon» (de 1934, em 132 páginas), «Le Lotus bleu» (de 1934, em 140 páginas) e «L'oreille cassée» (de 1937, em 140 páginas), todas a preto e branco, ou a segunda versão de «L'île noire» (de 1943, em 64 páginas), esta última colorida.

Existem quatro volumes dos «Archives Hergé», onde estão publicadas as nove primeiras histórias de *Tintim* a preto e branco e uma inédita de *Quim e Filipe*. Destaque desde logo para o primeiro volume, que inclui *Totor* e as três primeiras aventuras de *Tintim* conforme surgiram em *Le Petit Vingtième*: «Les Aventures de Totor, C. P. des hannetons» (1926), «Tintin au pays des Soviets» (1929), «Tintin au Congo» (1930) e «Tintin en Amérique» (1931).

Merecem também especial atenção a versão original de «Le temple du soleil», conforme foi publicada em 1946 no número inaugural da revista *Tintin*, em 104 páginas coloridas de formato italiano (29,4 x 22,9 cm), com introdução de Benoît Peeters, para além do inevitável «Tintin et l'Alph-Art», o último e incompleto álbum de *Tintim*, tal como ficou quando Hergé faleceu em 1983.

Todos estes títulos também podem ser encontrados em versão castelhana, da Editorial Juventud, que igualmente editou «El Diccionario de Tintin» (de Toni Costa), que constitui uma boa alternativa ao dicionário feito por Cyrille Mozgovine.

Existe ainda a *Encyclopédie Voir et Savoir*, com volumes sobre a Aviação (Segunda Guerra mundial), o Automóvel (das origens a 1900), a Aviação I (das origens a 1914), a Marinha I (das origens a 1700) e a Marinha II (de 1700 a 1850). Em Itália saiu ainda um sexto volume «Palloni e dirigibili» (Balões e Dirigíveis) que ainda é inédito em francês. Entre nós tomou a designação de *Pequena Enciclopédia Tintin* e tem editado apenas um volume: «História do Automóvel», da Editorial Publica.

Os *Carnets de Route* (Guias de Viagem), que entre textos, fotografias e vinhetas extraídas dos álbuns nos levam a passear pelos países e regiões percorridos por *Tintin*, como acontece com a China, a Escócia, a Índia, os EUA, a África Negra, o Tibete, a Rússia, o Egipto e o Médio Oriente, a Amazónia e o Peru.

Internet

A Fundação Hergé pode ser visitada em www.tintin.be (o *site* oficial), mas o www.tintin.qc.ca é de grande qualidade e a partir de www.tintin.qc.ca/sites.htm pode-se ter acesso a cerca de 70 *sites* de todo o mundo, contendo as mais diversas informações.

O Presente

170 milhões de álbuns editados em 40 línguas. Leitores dos 7 aos 77 anos, sem distinção, nos cinco continentes. Já foram publicados dezenas de livros e estudos sobre Hergé e sua obra. Um milhão e seiscentos e vinte mil contos foi quanto movimentou, em 1997, a Moulinsart, S.A. empresa responsável pela exploração dos direitos derivados, ao passo que a Fondation Hergé é responsável pela preservação e divulgação da obra, através da realização de exposições e de apoio a estudos.



Futuro

Um grande projecto deverá surgir no início do milénio, congregando a Fundação Hergé e as autoridades de Charente (França). Em Angoulême, junto ao rio Charente e não muito afastado do CNBDI, está previsto construir, em escala real, o foguetão que «levou» *Tintim* à Lua. Terá cerca de 50 metros de altura, cor vermelha e branca, naturalmente, sendo a *cabine* de comando reconstituída na perfeição. Disporá ainda de salas de exposição, estúdios de animação e multimédia, gabinetes, etc. Depois de concluídos os planos e correndo tudo de feição, poderemos ter foguetão lá para Janeiro de 2001.

É considerado necessário dar um novo alento a *Tintim*, pois as vendas dos álbuns têm-se ressentido nos últimos anos e os mais novos têm nas novas tecnologias e na televisão as suas grandes distrações, o que os leva a pouco ligarem a *Tintim*, pois estão mais habituados à acção e aos poderes mirabolantes de seres imortais. Como a série não vai continuar, por vontade expressa de Hergé, espera-se que este projecto possa dinamizar tanto o Pólo de Imagem de Charente como a imagem de *Tintim*.



70 anos depois ...

... muito já foi dito e escrito sobre este fenómeno, que gera paixões à escala planetária. Hergé sempre se definiu como um contador de histórias para crianças, mas cujo semi-realismo atraiu o interesse de muitos adultos. *Tintim* representa uma importante visão do nosso século que permanece, em muitos casos, bem actual. Hergé foi ainda precursor do estilo Linha Clara (designação criada em 1977 pelo holandês Swarte, referente ao desenho elegante e depurado, de linhas bem definidas), que fez escola e de que ressaem Edgar P. Jacobs (seu grande amigo e que é a outra grande referência da Linha Clara), Bob de Moor, Ted Benoit, J.-C. Floc'h, entre outros.

Em Braga esteve patente de 20 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1999 uma Exposição Bibliográfica a propósito do 70.º Aniversário da criação de *Tintim*, no Átrio do Salão Medieval da Biblioteca Pública de Braga, numa organização da Associação Juvemedia.

Citando Benoît Peeters «(...) o mistério permanece contudo quase por inteiro e o fascínio não é desmentido. Há vários anos que Hergé nos deixou. Tintim, por sua parte, está hoje mais vivo que nunca.»

Os 70 Anos de Tintim

As Aventuras de Tintim (Difusão Verbo)



© HERGÉ / MOULINSART 1999

- HERGÉ:
0. Tintim no País dos Sovietes
 1. Tintim no Congo
 2. Tintim na América
 3. Os Charutos do Faraó
 4. O Lótus Azul
 5. A Orelha Quebrada
 6. A Ilha Negra
 7. O Ceptro de Ottokar
 8. A Caranguejo das Tenazes de Ouro
 9. A Estrela Misteriosa
 10. O Segredo do Licorne
 11. O Tesouro de Rackham, o Terrível
 12. As 7 Bolas de Cristal
 13. O Templo do Sol
 14. No País do Ouro Negro
 15. Rumo à Lua
 16. Explorando a Lua
 17. O Caso Girassol
 18. Carvão no Porão
 19. Tintim no Tibete
 20. As Jóias de Castafiore
 21. Voo 714 para Sidney
 22. Tintim e os Pícaros

As Aventuras de Tintim no Cinema (Difusão Verbo)

GREG e HERGÉ: Tintim e o Lago dos Tubarões

Aventuras e Desventuras de Quim e Filipe (Difusão Verbo)

HERGÉ: 12 volume

Aventuras de Joana, João e do Macaco Simão (Difusão Verbo)

- HERGÉ: [1]. O Manitoba não Responde
[2]. A Erupção do Karamako
[3]. O Testamento do Sr. Pump
[4]. Destino Nova Iorque
[5]. O Vale das Cobras

Enciclopédia Tintin (Editorial Publica)

HERGÉ e JACQUES MARTIN: História do Automóvel



© HERGÉ / MOULINSART 1999

Bibliografia em Português

António Dias de – «Tintin e o seu Fantasma», in *História da BD Publicada em Portugal*, 2.ª Parte. Costa da Caparica (Almada): Época de Ouro, 1996, pp. 39-40.

António Dias de – *Os Comics em Portugal. Uma História da Banda Desenhada*. Lisboa: Edições Cotovia-Bedeteca de Lisboa, 1997, p. 157.

SANTOS, Sousa – «Por que sou um "Tintin"», in *História da BD Publicada em Portugal*, 2.ª Parte. Costa da Caparica (Almada): Época de Ouro, 1996, pp. 37-38.

TISSERON, Serge – *Tintin no Psicanalista*. Venda Nova (Amadora): Bertrand, 1987.

Artigos publicados na imprensa portuguesa

BOLÉO, João P. – «Tintin: 60 anos», in *Expresso a Revista*, n.º 845, Lisboa, 7 de Janeiro de 1989, pp. 46-50.

BOLÉO, João P. – «A Arca de Hergé», in *Expresso a Revista*, n.º 868, Lisboa, 16 de Junho de 1989, pp. 73-74.

BOLÉO, João P. – «Tintim no Congo», in *Expresso Cartaz*, n.º 1251, Lisboa, 19 de Outubro de 1996, pp. 25-26.

BOLÉO, João P. – «Hergé fascista ou aventureiro?», in *Expresso a Revista*, n.º 1368, Lisboa, 16 de Janeiro de 1999, pp. 34-41.

[COELHO, Miguel] – «Os Setenta Anos de Tintim», texto da Associação Juvemedia, in *Braga Cultural*, n.º 21, Braga, Janeiro de 1999, pp. 18-25.

COELHO, Miguel – «Os 70 Anos de Tintim», in *Forum Estudante/Correio da Manhã*, n.º 297/7176, Lisboa, 5 de Janeiro de 1999, p. 12.

COTRIM, João Paulo – «Tintim no país de Hergé», in *O Independente*, n.º 537, Lisboa, 28 de Agosto de 1998, p. 12.

CRUZ, Duarte Ivo – «Uma biografia política de Tintin», *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 670, ano XVI, Lisboa, 19 de Junho de 1996, pp. 38-39.

«Desenhos com histórias», in *Expresso*, *1000 Figuras do Século XX*, n.º 1000, 28 de Dezembro de 1991, p. 164.

«Grandes Reportagens», in *Expresso Antena*, n.º 1273, Lisboa, 22 de Março de 1997, p. I.

LINO, Geraldês – «Tintin nasceu há sessenta anos», in *Seleções BD*, n.º 13, Maio de 1989, Lisboa, pp. 88-90.

MENDES, Pedro Boucherie – «Tintin por Tintin», in *O Independente*, n.º 452, Lisboa, 10 de Janeiro de 1997, pp. 44-45.

PEREIRA, Gonçalo – «Repórter aventureiro aos 70», in *A Capital*, n.º 9700, Ano XXXI (2.ª Série), Lisboa, 8 de Janeiro de 1999, pp. 1, 18 e 27.

- PEREIRA, Paulo – «Tintin no país da arte», in *Expresso a Revista*, n.º 739, Lisboa, 27 de Dezembro de 1986, p. 38.
- PEREIRA, Paulo – «O enigma das capas roubadas», in *Expresso a Revista*, n.º 868, Lisboa, 16 de Junho de 1989, p. 75.
- PEREIRA, Ricardo – «Parabéns Tintin!», in *24 Horas*, n.º 249, ano I, Lisboa, 10 de Janeiro de 1999, p. 26.
- PESSOA, Carlos – «Tintim no Tribunal», in *Público*, n.º 649, ano II, Lisboa, 13 de Dezembro de 1991, p. 26.
- PESSOA, Carlos – «Hergé Morte e Vida de um Mito», in *Público Magazine*, n.º 157, Lisboa, 7 de Março de 1993, pp. 14-25.
- PESSOA, Carlos – «Um foguetão para o ano 2001», in *Público*, n.º 2872, Lisboa, 24 de Janeiro de 1997, p. 28.
- PESSOA, Carlos – «Tintin Partiu há 70 Anos para o País dos Sovietes», in *Pública/Pública*, n.º 3221, Lisboa, 10 de Janeiro de 1999, pp. 20-27.
- PRATA, José – «Um Enigma com 70 Anos», in *Semanário*, n.º 790, Ano XV, Lisboa, 8 de Janeiro de 1999, pp. 1, 11-14.
- RIBEIRO, Daniel – «Tintin no parlamento francês», in *Expresso a Revista*, n.º 1368, Lisboa, 16 de Janeiro de 1999, pp. 30-33.
- TAVARES, João Miguel – «O Melhor Repórter do Mundo», in *Diário de Notícias*, n.º 47.408, Ano 135.º, Lisboa, 9 de Janeiro de 1999, pp. 1, 4-5.

Trabalhos universitários/investigação (Portugueses)

- CAMACHO, João Carlos – «Sobre a ideia de procura nas aventuras de Tintim», *Boca do Inferno: Revista de Cultura e Pensamento*, Cascais, 2, 1997, pp. 131-159.
- RAMOS, Rita P. – «Tim-Tim em Angola», *Ópio*, Lisboa, 2, Jan.1995, pp. 35-42.
- SILVA, P. Martins da – «Uma leitura de Tim-Tim na área da Ciência», *História*, Lisboa, 62, Dez. 1983, pp. 82-86.

Periódicos Portugueses onde Tintim foi publicado
(indicando-se as datas das primeiras aparições por título)

O Papagaio, n.º 53, ano II, Empresa da Revista Renascença, Lisboa, 16 de Abril de 1936.

Cavaleiro Andante, n.º 1, ano I, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 5 de Janeiro de 1952.

Foguetão, n.º 1, ano I, Empresa Nacional de Publicidade [Lisboa], 4 de Maio de 1961.

Zorro, n.º 26, ano I, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 6 de Abril de 1963.

Tintin, n.º 1, ano I, Editorial Ibis-Livraria Bertrand, Venda Nova, 1 de Junho de 1968.

Diário de Notícias, Lisboa, 8 de Dezembro de 1971.

Periódico Português onde as Tropelias de Trovão e Relâmpago
(Quim e Filipe) foram publicadas:

Diabrete, n.º 14, ano I, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 5 de Abril de 1941.

Periódico Português onde as As Aventuras de Jo, Zette e Jocko
(Joana, João e o Macaco Simão) foram publicadas:

Zorro, n.º 89, ano II, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 20 de Junho de 1964.

Nota:

Este texto teve por base os artigos publicados no jornal Forum Estudante e na Agenda *Braga Cultural*. As informações complementares foram obtidas com a leitura de duas obras fundamentais: *Tintin y El Mundo de Hergé*, de Benoît Peeters (Editorial Juventud, Barcelona, 1990) e *Hergé*, de Pierre Assouline (Coleção Âncora y Delfín, n.º 797, Ediciones Destino, Barcelona, 19997).